



**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**Makoto Nishida**

**(entrevista)**

**São Paulo, SP**

**2005**

**GEEPRACOR-CEFIS-UNIVASF**

**ESEFID - UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** “A memória das lutas ou o lugar do "DO": as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo” de autoria de Felipe Eduardo Ferreira Marta

**Número da entrevista:** E-955

**Nome do/a entrevistado:** Makoto Nishida

**Local da entrevista:** São Paulo, SP

**Entrevistador:** Felipe Eduardo Ferreira Marta

**Data da entrevista:** 14/05/2005

**Transcrição:** Felipe Eduardo Ferreira Marta

**Copidesque:** Felipe Eduardo Ferreira Marta

**Revisão:** Christiane Garcia Macedo

**Pesquisa de termos:** Christiane Garcia Macedo

**Total de gravação:** 1 hora e 30 minutos.

**Páginas Digitadas:** 23.

### Observações:

\* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O GEEPRACOR realizou algumas alterações de formato.

\*\* Entrevista cedida por Felipe Eduardo Ferreira Marta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB e da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC, para divulgação pelo Projeto Garimpendo Memórias em 09 de março de 2021.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: NISHIDA, Makoto. Entrevista com Makoto Nishida concedida por Felipe Eduardo Ferreira Marta ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador: Felipe Eduardo Ferreira Marta (UESB e UESC). UNIVASF, UFRGS, São Paulo (SP), 14 mai 2005, 26 p.

## **SUMÁRIO**

Imigração para o Brasil; Início do treinamento de Aikido; Trabalho com Engenharia o Brasil; Cultural Oriental em São Paulo na década de 1970; Origem do Aikido; Federação Internacional de Aikido; Formação de outros lutadores; Filosofia do Aikido; Diferenças culturais entre Japão e Brasil; Influência do cinema na difusão da cultura oriental e do Aikido; Técnicas do Aikido; Mudanças no Aikido.

São Paulo (SP), **14 de maio de 2005**. Entrevista com Makoto Nishida (**M.N.**) a cargo do pesquisador Felipe Eduardo Ferreira Marta (**F.M.**) para a pesquisa “A memória das lutas ou o lugar do "DO": as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo” de autoria de Felipe Eduardo Ferreira Marta cedida ao Projeto Garimpando Memórias.

F.M. – Mestre o senhor é imigrante japonês ou nascido aqui no Brasil?

M.N. – Eu sou migrante japonês, eu vim como imigrante técnico japonês na década de 1960, né? Que começou imigração técnico japoneses pra Brasil, pra ajudar na industrialização da sociedade Brasil. E isso, naquele e começou Volkswagen, General Motors<sup>1</sup>... Eles começaram a montar os automóveis aqui, né? Aqui no Brasil. Mas não tinha técnico, engenheiro, técnico pra trabalho técnico e muitos japoneses, europeu também imigrou, tinha imigração, aceitação de imigração, imigrantes técnicos japoneses. Então eu vim, eu sou formado em engenharia mecânica no Japão, né? Logo depois eu formei eu vim pra cá. Nesse ato eu não fazia aikido, eu comecei treinar aikido aqui no Brasil. Fiquei no começo, tudo os imigrantes técnicos japoneses ficavam lá no Liberdade, pensão, né? Então perto da casa tinha uma academia de aikido, né? Comecei, comecei a treinar, né? Comecei no ano 1970.

F.M. – E o Senhor nasceu no Japão em que data?

M.N. – Dezesesseis de março de 1944.

F.M. – E morava em que parte do Japão?

M.N. – Eu cresci no cidade de Akita, noroeste do Japão, né? Até dezoito anos. Depois eu fui pra Tóquio pra estudar na faculdade. Ah?

F.M. – Eu ia perguntar se junto com o Senhor vieram outros imigrantes da mesma faculdade?

M.N. – Veio bastante... Não, não, não. São técnico, normalmente pouco formado de universidade mais pessoal técnico assim... Colegial.

F.M. – Mas o Senhor veio a convite de uma empresa multinacional, ou a convite do governo brasileiro?

M.N. – Não, não. Contrato como empresa nacional, uma firma de descendentes do Japão. Você pode parar um pouco?

[Interrupção na gravação]

F.M. – Você estava falando que veio para o Brasil e morou na Liberdade e lá começou a treinar aikido.

M.N. – No Japão quando eu era criança eu treinei Kendô.

F.M. – Quantos anos?

M.N. – Quatro anos assim... E eu treinei no colégio eu treinei Kyudô, arco e flecha assim japonês três anos, durante três anos. Eu tenho 2º.Dan de Kyudô. Eu gostava muito de arte marcial. E quando eu cheguei no Brasil não tinha muita coisa pra... Eu trabalhava na firma, mas sábado e domingo não tinha muita coisa pra fazer, aí eu procurei fazer algum esporte, né? Algum esporte. Aí já que treina alguma coisa eu queria treinar alguma arte marcial japonesa. Perto da casa tinha um de caratê e outro de aikido. Pra mim mais acessível aikido por causa de distância, nesse tempo eu não pesquisava o qual é melhor, sabe? Podia ser qualquer coisa perto de casa. Aí ingressei no aikido, aí direto, tá até agora.

F.M. – O seu primeiro mestre lá veio com a primeira imigração?

M.N. – Meu mestre é da primeira imigração. Imigração, mas ele é acupunturista. Acupunturista, ele difundiu a acupuntura aqui no Brasil e massagem também shiatsu. E ao

---

<sup>1</sup> Indústrias estrangeiras que se instalaram no Brasil.

lado ele dava aula de aikido. Naquele tempo existia só uma academia de aikido em São Paulo. Pouco divulgado, ninguém conhecia aikido.

F.M. – Até hoje dentro das artes marciais japonesas ela não é tão divulgada quanto outras...

M.N. – Não, não. Que nem judô, caratê tá mais divulgado assim, né? Taekwondo. Mas aikido tá começando agora também, agora tem bastante academia.

F.M. – Houve um aumento sim, mas dentro dessas artes marciais que se desenvolveram aqui no Brasil a gente percebe que em alguns casos houve afastamento daquilo que era a sua origem no Japão e no aikido eu não sei como é que isso funciona você sabe me dizer se isso aconteceu?

M.N. – No começo era muito diferente porque lá no Japão mesmo tinha muito pouco mestre de aikido mesmo assim, sabe? Então aqui no Brasil... Bom, eu não quero criticar ninguém assim, sabe? Mas quem começou não era legítima, uma pessoa assim, sabe? Aí eu treinei aqui durante... Eu comecei a treinar no 1970 e até 1978... Bom, primeiros dois, três anos eu treinava conforme mestre ensina aí depois eu comprei livro do Japão de aikido eu olhei lá e achei muita coisa diferente assim, né? Depois eu fui pra... No ano 1978 eu fui... Voltei pra Japão, né? Fiquei um ano treinando aikido aí eu senti muitas diferenças, sabe? A base são estilos então depende de mestre diferente, mas pra mim era muito diferente assim, sabe? Não é que essa pessoa que pioneiro do aikido aqui no Brasil tá errado, ele fez coisa dela assim. Mas eu vi lá no Japão é muito diferente. Aí eu voltei do Japão eu comecei a treinar conforme eu aprendi no Japão.

F.M. – Você ficou quanto tempo lá?

M.N. – Um ano. Nesse um ano só treinando aikido.

F.M. – Você já não estava trabalhando?

M.N. – Tava trabalhando, mas já saí da firma que três anos trabalhando na firma, aí eu saí da firma, eu fui lá, voltei aí comecei a trabalhar de novo. Então quando eu voltei pra

Japão... Lá no Japão eu não trabalhei mais. Não voltei trabalho, só pra visitar meu mãe, minha pai.

F.M. – Sua atividade profissional sempre foi aqui no Brasil?

M.N. – Foi aqui no Brasil.

F.M. – Sempre com engenharia, técnico?

M.N. – É. Engenharia, né? Depois voltei Japão, eu voltei a trabalhar na firma, né? Aí em 1986 eu abri meu escritório de projeto, né? Aí eu tinha mais tempo disponível, aí eu podia concentrar mais no trabalho de aikido, né? Aí abri academia e aí chegou aqui, né?

F.M. – Mestre, mas o Senhor já abriu a academia pra ser um negócio? Um segundo negócio? O quê que te motivava a trabalhar com aikido?

M.N. – Não isso é só pra mim treinar aikido, eu profissionalmente eu nunca... Eu não pensava que eu ia ficar profissional de aikido e também não era o objetivo...

F.M. – Mas hoje o Senhor se considera um profissional de aikido?

M.N. – Sim claro, porque hoje já tá aposentado de trabalho. Então já que aposentado tem que fazer mais alguma coisa só de aposentadoria aqui não dá pra viver, né? Então complementar é que faço isso, essa academia. Mas graças ao Bruce Lee a arte marcial foi muito popularizado aqui no Brasil, né? Aí também agora aikido tá todo difundido, muita gente procura, né? Então agora alguns profissionais podem sobreviver com aikido, mas não é todos não, não é tão fácil no Brasil sobreviver de aikido e também dependendo... Nível de vida de cada um, né? E normalmente nível de vida professor de aikido, nível de vida alto, né? No Brasil tem muito variação de nível de vida, né? Pessoa do aikido é muito pouca pessoa que vive com salário mínimo assim, sabe? Mais ou menos todo mundo ganha mais dez salários ou mais...

F.M. – Por que já fiz faculdade.

M.N. – Sim. Que fez faculdade. Então esse pessoa sobrevive como profissional de arte marcial é um pouco difícil, sabe?

F.M. – Tem como uma atividade a mais, não como única atividade.

M.N. – Sim, maioria assim, aikido maioria assim. Agora tudo profissional é muito pouco, dá pra contar de dedo, né?

F.M. – O Senhor chegou na década de sessenta, né?

M.N. – Sessenta e oito.

F.M. – Então Senhor pode viver a década de 1970 aqui no Brasil, como que era em São Paulo a questão da cultura oriental nessa década?

M.N. – Nessa década tinha bastante japonês, japonês mesmo, imigrante mesmo assim, sabe? Hoje em dia...

F.M. – Não falava português direito...

M.N. – Tem bastante pessoa que não fala e também aqui em São Paulo, né? Pessoa que não fala nada de português, só falando japonês podia viver. Importante só por ter profissão, né? Assim... Pessoa que trabalha no agricultura pessoa não sabe falar muito assim, né? E também se você precisa alguma coisa vai pra Liberdade dá pra comprar tudo em japonês tal... [risos] Tem muitas pessoas que não fala... Fala muito pouco português e poder viver assim, né?

F.M. – Pode viver porque chega lá na Liberdade e está em casa.

M.N. – Eu considero que São Paulo parece uma Japão dentro do Brasil, né? Então quando eu viajava pra Porto Alegre assim fora do estado de São Paulo, né? Quando volta São Paulo pensei que tinha voltado pra Japão assim... [risos]. Dá esse impressão, né?

F.M. – Por que não tinha dificuldade...

M.N. – Não encontra. Voltei pra casa assim, né? Voltar aqui é volta pra comida japonesa, né? Tudo assim, sabe?

F.M. – E mesmo na década de 1970 isso já era tranquilo?

M.N. – É tudo tranquilo.

F.M. – Já tinha muitos brasileiros procurando aikido nessa época? O Senhor se lembra ou estava muito dentro colônia?

M.N. – Acho que meio a meio hein, tinha bastante brasileiro que procura também. Mas esse brasileiro é muito assim... Espírito, espiritualmente ele tem muito parecido pra japonês assim... Mas tímido assim... Pessoa mais reservada, pessoa que pesquisa mais pro interior que pro exterior da vida.

F.M. – Ele atraía mais essas pessoas, essas pessoas que queriam descobrir algo mais, né?

M.N. – Sim, sim.

F.M. – Que não era praticar só mais uma atividade física.

M.N. – Pessoa que procura alguma coisa diferente assim, né? Mas só todo mundo tem alguma... Algum, assim... Uma coisa tanto dentro assim, na verdade todo mundo procura assim, né?

F.M. – O aikido hoje, ele é um esporte ou arte marcial?

M.N. – Arte marcial. Aikido nunca vai ser esporte.

F.M. – Não é a finalidade dele. Por que algumas artes marciais estão se esportivizando.

M.N. – Isso, esportivizando, né? Se tornando arte marcial competitivo. Mas aikido nunca vai ter isso porque criação já diferente, né? Foi criado pra não fazer competições, então por isso.

F.M. – E também, principalmente na década de 1980 as pessoas associavam muito a pratica das artes marciais com questões relacionadas à autodefesa, da violência, da criminalidade nas grandes cidades...

M.N. – Sim, sim, sim, sim.

F.M. – O aikido usa um pouco esse discurso?

M.N. – Acaba utilizando isso também, mas muito pouco...

F.M. – De que forma?

M.N. – Não isso só algum aspecto... No começo professor de aikido, né? Além de trabalhar na academia ele ensinava parte do defesa pessoal do polícia militar, essas né?

F.M. – O seu primeiro mestre, ou Senhor mesmo ensinava na polícia militar?

M.N. – Não, eu nunca ensinei na polícia militar assim. Mas, meus colegas, alguns colegas já. Dava aula lá no polícia militar, mas não como aikido assim...

F.M. – Dava aula de defesa pessoal?

M.N. – Defesa pessoal usando experiência do aikido para aula de defesa pessoal.

F.M. – Isso na década de 1970?

M.N. – Década de 1970.

F.M. – Com o taekwondo aconteceu a mesma coisa. Você de outros mestres que tiveram esse acesso?

M.N. – Bom, eu conheço muito pouco assim, sabe? O nome do mestre eu não sei. [risos]

F.M. – Mas você sabe que teve essa experiência do aikido dentro da polícia militar.

M.N. – Sim, sim. Assim começou. Aikido no fundo, no fundo mais... Mais assim, dentro procura é filosofia, né? Do que arte marcial.

F.M. – Então... Mas existem associações, federações, essas coisas existem?

M.N. – Sim, sim.

F.M. – Mas qual é a finalidade delas então?

M.N. – Esse aqui oh... Todas as atividade... Todas atividade seja filosófica, seja desportiva, toda assim, todas atividade dentro da sociedade tem que ter... Tem que entrar no padrão da sociedade, sociedade exige, governo exige assim, né? Não é só o profissional de aikido. Então eu tenho federação, federação reconhecida do governo brasileiro, né? Ligado direto com órgão japonês, assim tal, é? Essas coisas você se sociedade, né?

F.M. – Pra ter a porta aberta...

M.N. – Isso, pra porta aberta para aluno e também tem pra garantir individualidade do aluno, tudo isso necessário, né?

F.M. – Mas porque...

M.N. – Seja, seja ruim, necessário.

F.M. – Então acaba... Porque assim, por exemplo, no judô, caratê, as federações acabam padronizando as normas com relação aos campeonatos, campeonatos mundiais, no aikido essa questão dos campeonatos...?

M.N. – Não tem. Não tem, mas aikido, o que é aikido? O que tem realmente onde saiu aikido, as origens do aikido. Então, por exemplo, judô, né? Judô começo, começou Jigoro Kano, Jigoro Kano é do Kodokan, né? Mas, agora federação internacional de judô já começou a mandar em Kodokan, né? Na verdade origem Kodokan, né? O como... Assim a... Como assim, uma legitimidade, eu que tradicionalmente tem ser respeitado mais Kodokan do que federação, né? A federação foi feito para regularizar o judô de Kodokan, né? Federação foi criado. Mas agora inverteu, Kodokan saiu do federação e federação que manda todo judô do mundo. Esse aconteceu, mas aikido por enquanto não tá acontecendo por que primeiro não tem competição, né? E agora federação... Eu sou membro diretoria federação internacional de aikido. Mas, federação internacional de aikido existe pra dar apoio a aikido do Ueshiba. Aikido começou Moribei Ueshiba, né? Família Ueshiba tem uma fundação “Aikikai” lá no Japão, e 90% do aikido no mundo esse Aikikai que dirige, né?

F.M. – Eles dirigem no sentido de...

M.N. – Ele dá título pras pessoas. Eu sou professor, né? E professor de 6º.Dan, aí todo mundo pergunta 6º.Dan, onde você conseguiu 6º.Dan? Eu consegui do Ueshiba. Aí todo, todo mundo já não pergunta mais cabo, tudo legítimo. Esse muito importante pra...

F.M. – Essa hierarquia é muito importante da arte marcial.

M.N. – Importante, essa hierarquia é muito importante.

F.M. – Mas aí o Senhor é 6º.Dan, mas aí como que faz pra... Senhor pode conferir outros títulos a outras pessoas? Como é que funciona isso?

M.N. – Mais baixo, eu promover até 5º.Dan primeiro ponta.

F.M. – O Senhor assinando é como se...

M.N. – Eu assinando como registrar no Aikikai.

F.M. – Mas tem validade.

M.N. – Tem validade.

F.M. – A pergunta minha é por que no caso do taekwondo houve alguns problemas nesse sentido, os mestres vieram pra cá e depois ficaram muito tempo sem ter contato na Coreia e aí eles não tinham como proceder...

M.N. – Sei inventaram uma escola deles.

F.M. – É. E eles começaram a conceder os graus, né? Os Dan's conforme a vontade deles e eles mesmo iam dando Dan's pra eles mesmos.

M.N. – Isso é.... Bom. No aikido também tem alguns que fez isso, né? Mas ele não consegue muito assim... Não vai ser muito respeitado por que a única entidade grande aí chamada Aikikai. Esse mundo grande no mundo do aikido, então se fora desse aí então todo começa a falar: “ah, ele não é Aikikai, então deve ser clandestino”, né? “Deve ser invenção próprio” Começou a desconfiar assim, sabe?

F.M. – E aí perde credibilidade.

M.N. – Desde começou, que eu não sou de Aikikai e eu sou tal, tal... E eu nunca vi essa escola, aí já perde credibilidade assim, né? Você tem treinamento muito aikido e muito bom pensamento, mas esse mundo necessita de título pra fazer alguma coisa. Qualquer atividade é assim, seja manejo de ikebana, cerimônia de chá, tudo assim, né? Não só isso aí, outros esportes também precisam ter alguns títulos. Alguém tem que falar que esse pessoal tá certo, né? Senão não tem credibilidade nenhuma.

F.M. – A questão da hierarquia...

M.N. – É muito importante isso.

F.M. – Com o judô parece que aconteceu um pouco ao contrário isso, parece que à medida que ele foi se tornando um esporte ele acabou se internacionalizando mais e esse controle saiu do Japão...

M.N. – Saiu de Japão, saiu de Japão.

F.M. – Ficou um controle mundial...

M.N. – Aikido também tá indo... Tá muito difundido mundo inteiro agora, né? Europa é muito grande, França tem muitos praticantes assim, né? Então às vezes Europa maior do que Japão. Por que Japão é um país, né? No Europa inteiro, lá te muitos praticantes assim, né? Às vezes muito grande, mas ainda Japão tá conseguindo dominar. Então esse como aikido não tem competição mais hierarquia, mais importante mais hierarquia e tem nome de Aikikai é muito grande, né? Então todo mundo respeita assim... Mas já alguns onda que eles mesmos já criaram alguma coisa assim e esse futuramente não sei como vai mundo assim... Esse não sei, sabe?

F.M. – Existem então experiências de outros lugares que administram o aikido de uma forma diferente que a Aikikai?

M.N. – Tem, tem, alguns tem.

F.M. – E até pode haver um movimento no sentido de criar competições...

M.N. – Tem, tem, já tem grupo que faz competição.

F.M. – A Aikikai não aprova isso.

M.N. – Não aprova, não tem, não aprova. No fundo Aikikai tá querendo é espírito de equipe, né? Por que dentro de espírito às vezes estilo pode ser um pouco diferente assim. Aikikai não define o que um treino aikido tem que fazer esse, tem que fazer esse...

F.M. – Eles não controlam isso.

M.N. – Esse aí eles dão o exemplo, mas eles não ficam em cima assim...

F.M. – Eles permitem uma certa variação.

M.N. – Variação, permite, permite, só que esse não pode sair do espírito do aikido, né? Então muito difícil nesse caso...

F.M. – Qual é a filosofia do aikido?

M.N. – Filosofia pra assim... Primeiro não faz competição, filosofia é assim... Harmonia com natureza, tudo isso, mas essas coisas não dá pra escrever num caderno assim...

F.M. – Não existe um dizendo...

M.N. – Não, livro que explica, mas não tem como assim, sabe? Então no da arte marcial não tem por quê que é assim, né? Essência da arte marcial não dá pra escrever no livro, não dá pra ensinar com palavra, né? É tudo coisa de interno assim, né? Então pra controlar... Pra você... Pra você mostrar que esse certo tem que ser de pessoa pra pessoa, entende? Então normalmente nós chamamos “niemok” casa de fundação, casa de fundadora, né? Esse às vezes hereditariamente, pai pra filho, neto assim, né? Né? Vai continuando assim e esses pessoas que mostra o espírito.

F.M. – Então não tem necessariamente a influência de uma filosofia oriental.

M.N. – Tem, tem. Sim, tem.

F.M. – Você pega, por exemplo, o taekwondo, você percebe, por exemplo, em alguns aspectos uma influência muito forte do Zen-budismo, alguma coisa do Taoísmo, mas principalmente, por conta da própria natureza do coreano, você percebe muito a questão do Confucionismo, principalmente na hierarquia, no modo como a pessoa tem que se portar, você percebe a influência dessas filosofias orientais.

M.N. – Caso das filosofias japoneses isso tudo ligado ao próprio Xintoísmo, né? Xintoísmo é uma religião tradicional no Japão. O Budismo, lá no Japão tem Budismo, maioria budista, né? Budista, no mesmo tempo xintoísta, né? É que Xintoísmo é origem de tudo no Japão, origem de tudo. E budismo é importado do China, Cristianismo também foi importado. Tem lá no Japão tem cristianismo, tem vários templo religioso, tudo são importado. Legítimo religião japonês é Xintoísmo, sendo japonês, nasceu como japonês já é xintoísta.

F.M. – Está relacionado ao local de origem, onde nasceu se nasceu no Japão...

M.N. – Se nasceu no Japão... Se tem sangue japonês ele já xintoísta. E Xintoísmo não é uma coisa que escrito assim, sabe? Faz oração... Oração faz, mas é escrito assim...

F.M. – Mas não tem igreja...

M.N. – Igreja é templo, né? Nós temos templos, mas muito mais um espírito puro esse é Xintoísmo. Tem... Fica assim... Totalmente natural, totalmente puro, né? Tira todo erro, esse é Xintoísmo, assim, sabe? Aí o cara aprende, mas como é tão puro, né? E para não contaminar nada de egoísmo não tem assim, parte teoria. Parte teórica é muito pouco. Não tem como o Budismo eu tem ensinamento assim... Se faz assim, faz assim... Né? O ensinamento do Xintoísmo é “sinta o puro, seja natural”, mas nesse sentido, “seja honesto, seja sincero”. Esse mais ou menos ensinamento...

F.M. – São grandes temas...

M.N. – Grandes temas...

F.M. – Mas não tem, não é...

M.N. – Não tem ditário, né?

F.M. – Não tem uma doutrina...

M.N. – Não tem isso. Seja natural, seja bom pra próximo. Ficar bom para o próximo? E qual é? Esse ele não fala. Cada um tem esse. Mas diferença aí, pra divulgar é muito difícil. Por isso eles importaram parte teórica, parte teórica é Budismo. O Budismo entrou no Japão por projeto do Xintoísmo, e por isso Budismo do Japão é diferente do Budismo de Índia, que o Budismo de China, é diferente. Por que todas religiões que entraram no Japão é pra complementar o Xintoísmo. Então todas religiões que entraram no Japão já é diferente assim. Aí Budismo mais pra Xintoísmo usado, tudo assim... Experiências. Aikido é puramente segue esse Xintoísmo. Realização de ideia de Xintoísmo é aikido. Assim, seja judô, seja caratê, todos tem esse. Aikido baseia no “ki”, o “ki” que aikido baseia é do Xintoísmo mesmo. Assim, filosofia tudo assim, sabe? Então em cima de filosofia foi firmado todos esses técnicos. Então tem pessoa que pergunta: “aikido tem parte filosófica e parte técnica?” Mas dentro do técnico de aikido filosofia tá embutido.

F.M. – O Senhor se casou aqui no Brasil?

M.N. – Sim.

F.M. – Conheceu sua esposa na Liberdade ou ela veio do Japão também?

M.N. – Não, não, conheceu aqui mesmo. Ela veio com 4 anos aqui. Morava junto com pais, assim né? Aí com certa oportunidade nos conhecemos.

F.M. – Então não teve tanto problema por eu chegar aqui em São Paulo já tinha bastante gente da colônia japonesa.

M.N. – Sim, sim, sim.

F.M. – Era como o Senhor mesmo disse, “era como chegar em casa novamente”, quando vinha de outro lugar.

M.N. – Sim, sim, sim. Então pra mim São Paulo não é muito diferente do Japão assim, sabe? Eu não se considero que.... Outros países.

F.M. – Mas Senhor estudou, fez toda a sua vida de estudo no Japão.

M.N. – Sim.

F.M. – Mas sua esposa estudou aqui no Brasil...

M.N. – Mas é família de japonês muito tradicional.

F.M. – O Senhor teve filhos no Brasil?

M.N. – Teve, teve filhos.

F.M. – O Senhor percebeu se teve alguma dificuldade de educação, pelo fato do filho estar crescendo numa realidade mais brasileira?

M.N. – Não, não percebi nada. Meu filho ele fala japonês, escreve japonês, pra mim ele é legítimo japonês.

F.M. – Em alguns aspectos a pessoa brasileira difere do japonês...

M.N. – Sim difere...

F.M. – De costumes, de forma de se portar... Eu estou perguntando isso por que outras pessoas que eu entrevistei se queixaram dizendo que a medida eu os filhos iam sendo educados dentro da cultura brasileira começavam a criticar atitude dos pais, tinham dificuldade de entender o modo de vida oriental...

M; Sim, sim. Eu entendo esse, eu também vejo muito esses casos, mas pra mim não aconteceu por que meu filho único, né? Então ele sempre foi junto conosco, assim sabe? Então tinha chance pra dar educação japonesa pra ele [risos], assim né? E também eu como dava aula de aikido, meu filho tudo junto, assim que entende filosofia oriental.

F.M. – Por que mesmo os brasileiros que vem procurar o aikido acabam...

M.N. – Acabam se integrando. Tem que pessoa que procura o aikido e tem bastante sensibilidade do oriental.

F.M. – Em muitos casos acabam sendo brasileiros ou se casam com pessoas de origem oriental...

M.N. – Sim, sim. Quando eu trabalhava na firma era brasileiros, então eu sentia tudo esse diferença de cultura. Mas que em São Paulo maioria dos brasileiros sabe como é japonês, com é oriental. Então ele te trata como oriental, eles não tratam igual brasileiros deles, “esse é japonês, então tem que ser diferente, esse ajuda, esse nos ajuda muito”. (risos) Entende? Eu posso ser diferente por que brasileiros permitem, não é?

F.M. – Não discrimina...

M.N. – Não discrimina. Nesse ponto um pouco diferente migrantes japoneses no Brasil é muito mais de viver do que migrantes japonês nos Estados Unidos. Lá pessoal exige você ser como americanos, aqui pessoal do Brasil não exige pra nós pra ser brasileiros. [risos]

F.M. – E também não acho estranho se você quiser ser da sua forma.

M.N. – Sim, sim. Por que cada um pode fazer como você quer, judeu também pode conviver com árabe, esse é grande vantagem do Brasil nesse ponto.

F.M. – O que o Senhor acha que contribuiu para que os japoneses fossem tão bem aceitos? Você acha que isso aconteceu pelo fato da cultura japonesa ser um pouco mais ordeira?

M.N. – Esse eu acho que influenciou muito, sabe? Japonês é mais trabalhador, mais honesto, assim né? Então nesse ponto o brasileiro reconheceu isso aí, sabe? Como elemento bom, eles consideraram elemento bom, né? Então aí eu não senti nada de discriminação.

F.M. – Sempre se associou aos japoneses uma imagem, de pessoas “garantidas”.

M.N. – Sim, sim, garantidos, não mentem, né? Uma vez fala sim, fala faz sim, ele não engana né? Esse teve sim.

F.M. – E no caso dos coreanos eles sofreram um pouco na medida em que eles confiavam nos brasileiros, mas os brasileiros não retribuía essa confiança.

M.N. – Coreano, cultura um pouco diferente, é? Então quando coreano entrou no Brasil é década de 1970, 1960, sabe? Aí brasileiro muito estranhou como... Ele trataram com se fosse japonês assim, né? Mas aí ele não era bem assim né? Aí pessoa começou a comentar que nesses dias que japonês que mudaram, mas não é que mudaram, esse era coreano, assim sabe?[risos]

F.M. – Até hoje pro brasileiro é difícil falar quem é chinês, quem coreano, quem é japonês.

M.N. – Por aparência tudo é mesma coisa, né?

F.M. – Mas não é mesmo na aparência tem diferença, mas é muito sutil.

M.N. – Para nós é nitidamente diferente.

F.M. – Mas o Senhor conseguiria dizer o que o Senhor acredita que é diferente nas duas culturas? Na cultura coreana e na cultura japonesa, quais são os pontos de maior diferença?

M.N. – Bom eu... Que Japão, Japão é uma ilha, né? Nunca foi invadido assim sabe?

F.M. – Mas se conta muito que parte da origem do povoamento das ilhas japonesas veio da Coreia.

M.N. – Sim, sim, sim. Mil anos atrás metade da população do Japão era imigrantes coreanos. Daí vai mudando, mudando assim, né? Por que Japão era uma ilha, então nunca foi invadida assim, e desenvolveu uma cultura própria assim, sabe? Caso coreano, caso Coréia, sempre tem influência muito de China assim, sabe? Vários coisa foi invadido assim, né? E o Japonês também invadiu pra lá, né? Ida e volta. Vem Genghis Khan, ataca Japão e passava Coréia e com o Japão entrava na China e passava Coréia, então coreano nesse ponto fica um pouco “desconfioso” assim, sabe? Então foi assim eu influiu no cultura deles assim, sabe?

F.M. – Você acredita que o coreano tem uma natureza um pouco mais desconfiada, teme mais as coisas.

M.N. – Eu tenho muita impressão diferente de coreano, mas se fala, aí fico crítica, eu não quero falar. Mas eu acho que cultura coreana foi formado mais nessa base, que nem colônia na Europa, sempre alguém tá invadindo, Rússia entra, alemão entra, tudo assim, né? Então quase mesmo situação do Coréia no Ásia, assim né?

F.M. – Tá no meio da confusão.

M.N. – Sim tá no meio da confusão. Então eles não sossegam, sempre fica desconfiado que... Isso povo japonês não tinha, então mais ou menos assim, um filho bem protegido da família dos pais, ele não sabe desconfiar, então ele fica muito, fica bonzinho, cria como bonzinho. E tem um filho que te um monte de irmãos e os pais não tem muito poder aquisitivo então ele fica bem esperto, então essa pessoa cresce bem esperto, né? [risos]. Esse tipo de diferença.

F.M. – Como é que você vê a influência do cinema no aumento da procura por artes marciais?

M.N. – Tem, tem. Por exemplo, Steven Segall, ele participou atleta de aikido, né? Então essa influência muito pra divulgação do aikido, então muita gente procura por aquele lá, né? Por que é diferente, o outro era tudo “porrada”, né? Do caratê, né? E do Kung Fu do

Bruce Lee sempre soco, assim... Chute, sabe? E você aprende todo posicionamento, lançamento assim, sabe? Aí pessoal olhou aqui um pouco diferente. “O quê que é aquilo?” Aquele é Aikido, assim sabe? Nesse ponto cresceu muito, mas o que nós treinamos não é igual aquele lá, sabe?

F.M. – Sim. Aquele lá é cinema, aquele é outra coisa, mas na década 1970 e 1980 o Bruce Lee, mesmo sendo totalmente diferente acabou ajudando um pouco o aikido?

M.N. – Ajudou. Todo mundo sabe que arte marcial oriental foi beneficiado por Bruce Lee. Bruce Lee que divulgou arte marcial oriental no mundo inteiro, no mundo assim. Todos foram beneficiados.

F.M. – Uma coisa que é diferente no aikido que eu percebo é que em geral você vê pessoas mais maduras procurando o aikido, isso ocorre mesmo? É uma tendência?

M.N. – Tendência, sim. Daqui pra frente vai ser muito mais.

F.M. – O que você acha que contribui para isso, pessoas mais maduras, adultos, jovens, acima de vinte anos procurando?

M.N. – Por que aikido é mais movimento natural, você não precisa levantar perna pra cima, não precisa endurecer o soco... Esse tipo de treinamento, aikido não é necessário, ele procura só defesa e não muito agressivo e ar de academia é bem mais pacífico, né? Então essas coisas contribuem para o desenvolvimento do aikido e filosofia em si do aikido é bom pra essas pessoas estressadas, vai ficar mais tranquilo assim, sabe? Se modificar a característica da pessoa.

F.M. – No aikido pela própria característica dele é mais difícil da pessoa ter uma lesão grave.

M.N. – Esse difícil, difícil de ter.

F.M. – Por que na minha vida como lutador de taekwondo eu por muitas vezes voltei pra casa meio mancando, pela própria natureza da prática.

M.N. – Sim, sim, sim. Arte diferente.

F.M. – Exigia que as pessoas tivessem um condicionamento físico muito grande, para conseguir suportar a carga de treinamento e no aikido parece que não há essa exigência tão grande.

M.N. – Não. Pois é, aikido se a pessoa quiser treinar sozinho ela consegue, não há essa exigência de físico, não que fisicamente domina o outro.

F.M. – É. Isso é uma coisa interessante, a força física nem sempre é importante, a técnica parece que se sobressai mais.

M.N. – A técnica é mais interna assim, né?

F.M. – Eu sempre vi o aikido envolvido num certo misticismo, a questão de trabalhar como certas energias da natureza, como que isso funciona?

M.N. – Isso aí parece místico, mas não é nada disso pra mim é... Pra mim é uma coisa assim essência. Mas é difícil de explicar como é essência, mas não é coisa mística, mas está muito expressado assim como místico. Por que energia é que todo mundo fala, você fala, isso aí na verdade dentro de você já tem, só que você não percebe. Não percebe e não usar. Por que todo esse energia tem, o próprio você tem. O que aikido usa é o que nós temos, então esse é possibilidade da gente assim, né?

F.M. – São mais de trinta anos dedicados ao aikido, e nesse período, pelo fato dele estar no Brasil fez com que ele sofresse algum tipo de influência no sentido de mudá-lo do era ensinado até hoje, por absorver algumas características da cidade, a questão da velocidade, do esporte... Como é que foi isso? Você consegue perceber mudanças?

M.N. – Não entendo.

F.M. – Por exemplo, o taekwondo como arte marcial, ele tinha competição, sempre teve, mas a medida em que ele foi se desenvolvendo no Brasil e no mundo, ele se tornou esporte, se tornou competitivo, se tornou mais rápido, nas academias, principalmente a medida que os mestres brasileiros começaram a trabalhar com taekwondo eles começaram a privilegiar certas técnicas que eram usadas na competição, então o que a gente percebe é que houve uma mudança em certos aspectos da tradição do taekwondo que se não foram perdidos, passaram a ser utilizados com uma ênfase menor do que tinham antes. E isso tudo está muito relacionado com a questão do taekwondo ter vindo para o Brasil e ter se espalhado pelo mundo e de certa forma ter se ocidentalizado no sentido de ter se adequeado a situação da sociedade.

M.N. – Esse não só no Brasil, esse no mundo inteiro, aikido... Aikido é uma coisa muito interna assim, sabe? Que você procura o movimento interior, mas o povo gosta mais espetáculo assim, então movimento espetáculo, essas coisas assim. Então tem sempre pessoas que acabam fazendo esse aqui para atrair os seus alunos, né? Esse aconteceu, assim sabe? Aikido de fundador pensa assim e hoje em dia tá um pouco mudado, mas assim movimento maior assim mais aparência do que interna, sabe? Esse não é só no Brasil, na Europa, Estados Unidos, todos ocidentais gostam dessas coisas. Então fala que ocidentalizado, e esse aikido ocidentalizado japonês às vezes hoje em dia também tá um pouco ocidentalizado, japonês do Japão mesmo. Então também importaram algumas coisas de novo, assim sabe? Então aikido do Japão também influenciou desse daí, não só aikido todos os “DO’s” tá muito mais espetáculo do que origem, origem é menos movimentos e mais o interno, assim sabe? Hoje em dia mais aparência do que interno, esse não tem jeito assim... [risos]

F.M. – É uma característica da própria...

M.N. – Própria o povo assim. Desenvolvimento, não se chama desenvolvimento não, mas mudança, mudança do mundo, Não é só Japão, não que Japão que conserva e ocidental que mudou, Japão mesmo também já está ocidentalizado agora.

F.M. – Qual a relação o aikido no contexto da colônia, existe alguma relação?

M.N. – MuitAs colônia japonês treina aikido, mas eu acho que quase o mesmo nível os outros assim descendentes, não é só japonês que procura, aqui no academia nós temos 50% oriental e 50% ocidental. Eu acho que sim, tendência de mais japonês que procura do que brasileiro.

F.M. – Parece que algumas artes marciais da colônia japonesa, elas estão mais dentro da colônia japonesa do que outras. Você percebe, por exemplo, o caratê fora, o judô também está bem fora, mas, por exemplo, se for pegar o kendo ele é muito...

M.N. – Muito japonês.

F.M. – Muito japonês, o kenjutsu então nem se fala e o aikido então estaria mais ou dentro dessas artes que ainda tem uma atração maior por pessoas de dentro da colônia.

M.N. – Não sei viu, caso de aikido acho que não tem essa diferença não.

F.M. – É meio dividido.

M.N. – Sim meio dividido.

F.M. – O Senhor acha que o fato das artes marciais terem se difundido principalmente a partir do Bruce Lee aqui no Brasil, acabaram facilitando a convivência entre os orientais e os brasileiros? Ou você acha que a própria convivência normal do dia a dia que influenciou mais?

M.N. – Influenciou sim, influenciou sim. Todo mundo assim... Bom. Pessoal fica íntimo com oriental por meio das artes marciais, né? Então esse pessoa não é estranha, então nesse caso ajuda muito assim pra convivência dos colônias.

F.M. – Por que muitos dos imigrantes ao chegarem no Brasil e perceber, principalmente os de origem oriental e perceberem a grande diferença de culturas na medida em que eles eram professores de alguma arte marcial e começavam trabalhar com aquilo, aquilo neles

gerava um certo orgulho por que eles se tornavam mestre e por conta disso passava a ter um certo respeito dentro dessa sociedade brasileira que de início era tão diferente e por isso essa questão de perceber se no aikido foi um pouco assim. Você sentiu um pouco isso? Essa representatividade?

M.N. – A sim, sim. Esse sim sente sim, que hoje em dia mestre do artes marciais é muito respeitado aqui na sociedade brasileira, é respeitado nesse ponto.

F.M. – Muito obrigado.

[FINAL DA ENTREVISTA]